

Obra de Cícero Dias que causou escândalo nos anos 1930 ressurgue cercada de histórias no MAR

De 1926 a 1929, o pernambucano se debruçou sobre a pintura que viraria uma das mais importantes da história da arte do país

AUDREY FURLANETO



'Eu vi o mundo... Ele começava no Recife', de Cícero Dias, está exposto no MAR (Simone Marinho)

RIO - Quando se exibiu para o público pela primeira vez, em 1931, ela causou escândalo: com mulheres nuas, era ousada demais para aquele tempo, e mandaram cortar-lhe uma parte. Ficou três metros menor, mas, longilínea, ainda lhe restaram 12 metros de comprimento por dois de altura. Depois do furor de sua estreia, repousou no escuro por décadas e só saiu do Museu Nacional de Belas Artes nos anos 1960, para fazer sua primeira viagem — rumo a São Paulo, onde foi a estrela da 8ª Bienal, em 1965.

“Eu vi o mundo... ele começava no Recife” levou três anos para nascer — numa casa no número 8 da rua Aprazível, em Santa Teresa, onde o artista

Cícero Dias (1907-2003) viveu e trabalhou desde sua chegada ao Rio. De 1926 a 1929, o pernambucano se debruçou sobre a pintura que, mais tarde, seria aclamada como a obra-prima de sua trajetória e uma das mais importantes da história da arte do país. Assim, a tela veio ao mundo como guache e aquarela sobre papel de embrulho de cor ocre. Mais tarde, nos anos 1990, como uma senhora que precisa de cuidados, foi colada sobre uma tela. Dessa forma, poderia resistir melhor à passagem do tempo.

De volta aos olhos do público no Rio até 30 de março, a tela ocupa uma parede inteira do Museu de Arte do Rio (MAR) — é a estrela da mostra “Pernambuco experimental”. Lá, passa o dia escoltada por dois seguranças (um de cada lado) e protegida por uma estrutura de vidro que mantém quem a vê a um metro de distância. Para chegar até o museu na Zona ortuária, viajou de caminhão de uma fazenda no interior do Rio, onde vive há 20 anos com o colecionador Luis Antonio de Almeida Braga.

A vida de “Eu vi o mundo...” é composta tanto pelas histórias que a própria pintura “conta” — em seus personagens ora em canaviais, ora voando no céu (leia mais nos detalhes ao lado) — quanto por sua própria circulação desde a estreia, no chamado Salão Revolucionário, em 1931, no Museu Nacional de Belas Artes (então Escola Nacional de Belas Artes), até sua venda no final dos anos 1990, em Paris.

Quando surgiu, ela deixou Mário de Andrade boquiaberto. Em 28 de agosto de 1931, o escritor mandou uma carta a Tarsila do Amaral, exagerando até nas medidas da pintura, talvez sob o impacto do alvoroço que ela causara: “Aqui, grande bulha por causa do Salão em que o Lúcio Costa permitiu a entrada de todos os modernos, e o Cícero Dias apresenta um painel de quarenta e quatro metros de comprimento com uma porção de imoralidades dentro. Os MESTRES estão furibundos, o escândalo vai grosso, ouvi contar que o edifício da Escola de Belas Artes rachou...”. O choque foi tanto que vândalos invadiram a mostra e cortaram parte do lado esquerdo da pintura (no trecho das mulheres nuas).

Depois disso, “Eu vi o mundo...” ficou guardada naquele museu até ir à Bienal de São Paulo de 1965. É neste ponto que sua história fica um tanto obscura. Reza a lenda que seu autor teria retirado a tela da mostra, dizendo nunca tê-la doado ao Museu Nacional de Belas Artes, que, portanto, não tinha o direito de emprestá-la. Cícero, então, levou-a para o hotel onde estava hospedado, acionou a embaixada brasileira para organizar os documentos da extradição e, por fim, levou-a a Paris (onde o pernambucano viveu desde o final dos anos 1930 até sua morte, em 2003). Foi na França, que, depois de um restauro, “Eu vi o mundo...” foi colada sobre tela e, mais tarde, negociada.

— Isso faz uns 20 anos, mas não me lembro exatamente quando — diz o colecionador Luis Antonio de Almeida Braga, sobre a compra da pintura. — Quem me falou que eu talvez conseguisse comprar, fez muita força e organizou tudo para isso foi meu amigo e marchand Jean Boghici. Ele marcou com o Cícero um jantar em Paris, e aí nos levou de surpresa. Foi memorável, me lembro sempre da alegria de todos nós nessa noite. Cícero era um grande amigo tanto meu, que o “herdei” de meus avós, quanto do Jean.

Em sua casa no interior do Rio, “Eu vi o mundo...” fica “protegida da luz e da umidade” e é “constantemente visitada por um conservador”. Para Clarissa Diniz, curadora da mostra no MAR e que, ao lado de Paulo Herkenhoff, já levou a tela a Recife (em 2012), ela é o “mito de criação do Nordeste”. Sob uma luz tropical, estão ali os engenhos de cana-de-açúcar (o próprio pintor cresceu num deles), a arquitetura da capital pernambucana, o artesanato regional, os mulatos e os brancos que permeavam textos de Gilberto Freyre.

Em sua autobiografia (“Eu vi o mundo”, lançada pela Cosac Naify em 2011), Cícero escreveu: “O que vivia dentro de mim era o sonho. Contradições que a natureza criava: o invisível e o visível”. É assim que o crítico Frederico Morais vê também a obra-prima do artista:

— O mundo que a tela dá a ver é onírico e nostálgico, um mundo de sonhos e memorialista ao mesmo tempo. É um mundo reinventado.

SEGUNDO CADERNO

SEGUNDA-FEIRA 30.12.2013
oglobo.com.br

Em outros anos,
era fácil puxar
da memória uma
retrospectiva.
Agora, me senti
incapacitado

pág. 2
DANIEL GALERA



FILME
SAMIR
ABUJAMRA
INICIA DOC
SOBRE POVO
DO SAARA

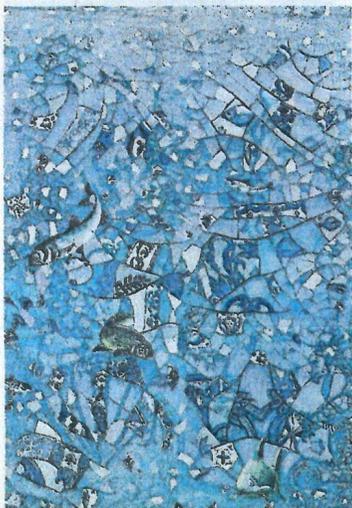
pág. 8



OS MELHORES DE 2013

Reforçado pela abertura do Museu de Arte do Rio e da Casa Daros, o circuito de exposições da cidade teve mostras de peso desde o começo do ano. Adriana Varejão exibiu uma panorâmica de sua carreira, enquanto a inglesa Tacita Dean e o chinês Cai Guo-Qiang chamaram a atenção com suas primeiras individuais no Brasil.

ARTES VISUAIS



"HISTÓRIAS ÀS MARGENS"

Adriana Varejão

PANORÂMICA REFORÇA IMPORTÂNCIA DA PINTORA

Vinda do Museu de Arte Moderna de SP, a primeira e elogiada panorâmica da carreira de Adriana Varejão chegou ao MAM do Rio em janeiro, com 38 trabalhos dos anos 1990 até hoje. Com curadoria de Adriano Pedrosa, a montagem começava com um painel de 18 metros de largura com óleo e gesso sobre tela, lembrando um mural de azulejos, tema caro à artista, e apresentava ainda as célebres séries "Saunas" e "Ruínas de charque", obras que reforçam Adriana como uma das grandes pintoras do país.



"DA VINCIS DO POVO"
Cai Guo-Qiang

INVENÇÕES DE UM CHINÊS PREMIADO

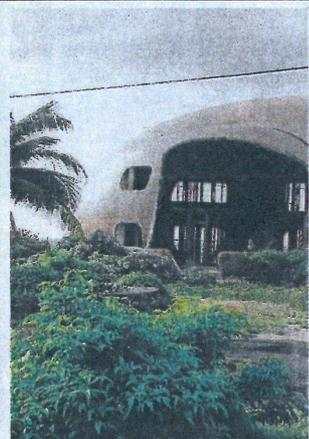
Vencedor do Leão de Ouro na Bienal de Veneza (em 1999), o chinês Cai Guo-Qiang veio ao Rio, em agosto, para aquela que seria sua primeira individual no país, "Da Vincis do povo", no Centro Cultural Banco do Brasil. Na rotunda da instituição, o artista suspendeu aviões rudimentares criados por inventores chineses que atraem seu olhar desde os anos 1990. Nas salas, mostrou suas pinturas feitas com pólvora e organizou oficinas para envolver as crianças em sua ideia de arte e educação.

"VONTADE CONSTRUCTIVA NA COLEÇÃO FADEL"

Vários

CONJUNTO ABRANGENTE DA ARTE BRASILEIRA

O Museu de Arte do Rio (MAR) abriu as portas no dia 1º de março com quatro grandes exposições, entre elas a do colecionador Sérgio Fadel. A curadoria de Paulo Herkenhoff focou nos caminhos da arte construtiva no país, com obras de Ismael Nery, Aluísio Carvão, Amílcar de Castro, Anita Malfatti, entre outros, que tornaram a coleção de Fadel uma das mais importantes do país. Abrangente, a mostra apresentou trabalhos desde o início do século XX até os anos 1980.



"TACITA DEAN: A MEDIDA DAS COISAS"
Tacita Dean

INSTALAÇÕES 'VINTAGE' COM PELÍCULAS

Conhecida defensora da película (e de uma espécie de "arte analógica"), a inglesa Tacita Dean ocupa desde outubro (e até 26 de janeiro) o Instituto Moreira Salles (IMS) com sua primeira individual na América Latina, para a qual importou projetores de cinema de diversos países. Os ruidosos equipamentos são peça fundamental nas 15 instalações que ela mostra no IMS, filmes que tratam sobretudo de desaparecimentos.

"ARQUIVO X"

Márcia X

A PERFORMANCE BEM RESOLVIDA DA ARTISTA

A obra da performática Márcia X. (1959-2005) não ganhava mostra na cidade desde 2005, ano de sua morte. Com "Arquivo X", em fevereiro, o MAM não só resolveu essa lacuna histórica, como produziu a exposição mais completa da trajetória da artista, com textos em que deixava pistas de como gostaria de ver a obra exposta. A mostra apresentou vídeos antigos de suas ações, com telas inseridas ao lado das instalações em que as performances se desenrolaram.



"LE PARC LUMIÈRE"
Julio Le Parc

MESTRE DA ARTE CINÉTICA ILUMINA O CIRCUITO

A Casa Daros teve as paredes internas pintadas de preto, as janelas fechadas e as luzes apagadas para que 30 obras de Julio Le Parc iluminassem a instituição. Aberta em outubro, e em cartaz até 23 de fevereiro, "Le Parc Lumière" mostra parte importante do acervo da coleção Daros. Em 2005, a instituição suíça restaurou as máquinas das obras cinéticas do artista, expostas em Zurique à época. São essas máquinas que enchem de luz as salas da exposição em Botafogo.

"CONTOS SEM REIS"

Laercio Redondo

OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE O PASSADO

Para criar a exposição "Contos sem reis", em fevereiro, na Casa França-Brasil, Laercio Redondo, artista paranaense que vive na Suécia há 16 anos, revirou memórias — de personagens como Carmen Miranda e as da própria instituição que recebia sua mostra. Assim, reabriu uma galeria subterrânea, esquecida com o tempo, na entrada do local; ocupou uma sala com móveis feitos dos balangandãs de Carmen; e criou uma instalação com 77 livros sobre a História do Rio.



"COTIDIANO E SONHO"
Wilma Martins

RESGATE AFETIVO DE UMA ARTISTA SILENCIOSA

Às vésperas dos 80 anos, a mineira que vive no Rio desde os anos 1960 voltou a ter uma exposição, quase 30 anos após sua última individual. Reclusa, Wilma Martins fugiu aos holofotes nas últimas décadas. Seu marido, um dos principais críticos do país, Frederico Moraes, produziu a mostra no Paço Imperial, aberta em novembro e em cartaz até 16 de fevereiro, como homenagem à artista, reunindo 140 trabalhos dela, numa montagem que, como ele diz, é "música de câmara".

"CANTOS CUENTOS COLOMBIANOS"

Vários

VISIBILIDADE PARA UM VIZINHO DESCONHECIDO

Mostra inaugural da Casa Daros no Rio, em março, "Cantos cuentos colombianos" ocupou o casarão de Botafogo com 75 obras de dez artistas da Colômbia, que tratavam de conflitos das Farc, de seus sobreviventes ou de desaparecidos. A exposição fora montada em 2004, em Zurique, e o curador da coleção Daros, Hans Michel Herzog, decidiu exibi-la aqui porque a arte contemporânea colombiana é "praticamente desconhecida" no Brasil.



"PERNAMBUCO EXPERIMENTAL"
Vários

UMA OBRA-PRIMA DO MODERNISMO DO PAÍS

Com 459 obras, a exposição "Pernambuco experimental", que o MAR abriu no início deste mês, valeria apenas por uma delas: "Eu vi o mundo... ele começava no Recife" (1926-1929), painel de 12 metros de largura de Cícero Dias, obra-prima da arte brasileira. Na mostra, com curadoria de Clarissa Diniz, ele surge na primeira das três salas para dar início à discussão de um modernismo que nasceu no Recife e que acabou distante dos alardes da Semana de 22.

Os melhores de artes visuais em 2013 foram escolhidos por Audrey Furlaneto e Luisa Duarte.

SEGUNDO CADERNO

VETERANO
O FASCÍNIO
DE MARTIN
SCORSESE
PELO CINEMA
E PELA TV



pág. 10

TERÇA-FEIRA 10.12.2013
oglobo.com.br

AUDREY FURLANETO
audrey.furlaneto@oglobo.com.br

A cana de açúcar, os carros de boi, a casa grande, os escravos, o porto, a arquitetura de inspiração holandesa — todas as coisas do mundo (ou de Pernambuco) dançam no ar regidas por Cícero Dias. Era 1926 quando ele começou a tela. Usava guache e um pouco de aquarela, planejava homenagear o abolicionista Joaquim Nabuco. Três anos depois, terminou por pintar uma espécie de mito de criação do Nordeste e uma das principais obras da história da arte brasileira.

“Eu vi o mundo... ele começava no Recife” (1926-1929), a obra-prima de Cícero Dias (1907-2003), é, por si só, uma exposição de arte: são 12 metros de largura e incontáveis elementos, uma descoberta a cada nova observação. Mas no MAR (Museu de Arte do Rio), ela virá “escortada” por 458 obras, na maior mostra que a instituição faz desde sua abertura, em março. Trata-se de “Pernambuco experimental”, que o museu inaugura ao público hoje.

Com trabalhos de 1900 até os anos 1980, a mostra dá continuidade a um ciclo que Paulo Herkenhoff, curador do MAR, iniciou em 2006, quando assinou “Pernambuco moderno”, em Recife, para rever o modernismo pernambucano — ofuscado pela modernidade paulistana e quase esquecido na Semana de

FORA DO EIXO

O BRASIL

no Rio. Para nós, é uma prioridade pensar em ser esse ponto de conexão da cidade com a arte brasileira que está emergindo — completa Herkenhoff.

Como o tema está distante dos cariocas (“E muitas vezes até dos pernambucanos”, pontua Clarissa Diniz), “Pernambuco experimental” segue ordem cronológica e tem diversos textos de parede para explicar ao espectador, por exemplo, como aquele estado, de arte tão potente já no início do século XX, ficou distante da Semana de 22.

— O regionalismo é o que marca uma certa diferença de Pernambuco dentro da discussão moderna no Brasil. Enquanto São Paulo tinha uma relação grande com a ideia de futuro, em Pernambuco havia uma relação forte com a tradição, com o passado. Os artistas trabalham a partir desse desejo de pensar a região, ou até mesmo inventá-la, já que naquele momento não havia sequer o Nordeste do Brasil (a definição geopolítica da região foi dada pelo IBGE em 1969) — explica a curadora.

MODERNIDADE ANTES DE 1922

Assim, Clarissa optou por abrir a mostra com os primeiros anos do século XX, quando, assim como o Rio, Recife vivia sua modernização, com a abertura de avenidas, a construção do porto e, enfim, a transformação da cidade. Na primeira parede da mostra, estão fotos da Zona Portuária recifense

22. Em 2011, já com Clarissa Diniz, hoje curadora-assistente do MAR, ele fez "Zona tórrida — Certa pintura do Nordeste", também em Recife.

MUSEU COMO PONTO DE CONEXÃO

Agora com "Pernambuco experimental", os dois trazem essa história, ampliada, ao MAR. Desta vez, Herkenhoff deixa a assinatura da curadoria da mostra para Clarissa, embora ele próprio tenha o desejo de levar ao museu na Zona Portuária do Rio obras distantes dos circuitos usuais da cidade.

Para Herkenhoff, o Rio e seus artistas estão bem atendidos. O Museu de Arte Moderna, a Casa de Cultura Laura Alvim, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, a Casa França-Brasil e o Paço Imperial fazem, na opinião dele, um "trabalho extraordinário: dão a artistas cariocas opções que não existiam 20 anos atrás". O que resta, então, ao novo MAR? A resposta não demora:

— Sair do eixo — diz.

É assim que a instituição abriu as portas à paraense Berna Reale para sua primeira individual fora de Belém, deu espaço ao jovem cearense Yuri Firmeza (ambos em cartaz até 29 de dezembro) e se prepara para abrigar, no calendário de 2014, outros nomes de fora do Rio de São Paulo (*leia mais abaixo*).

— O Rio tende a se isolar do resto do Brasil. Então, se um artista é bom, mas não está no mercado, dificilmente está



Crítica social. Detalhe da obra "O Brasil é meu abismo", de Daniel Santiago, um dos 49 artistas da exposição

Focado na produção além do circuito Rio-São Paulo, MAR inaugura hoje 'Pernambuco experimental', maior mostra desde a abertura do museu, com 459 obras

como manifestação cultural urbana, o painel de Cícero Dias e telas dos irmãos Joaquim e Vicente do Rego Monteiro — o último, aliás, é tido por Herkenhoff como o modernista mais maduro em 1922.

— A modernidade de Pernambuco é anterior à Semana de 22 — ele afirma.

A mostra ocupa o primeiro andar e mais uma sala do segundo piso do museu. Se no início da montagem (no 2º andar) vê-se a história de uma Recife em desenvolvimento e artistas em busca de uma linguagem entre regional e universal, no primeiro andar a capital surge urbanizada. Então, o espectador vê maquetes de Montez Magno, que usa de giz a soldados em miniatura para representar a cidade moderna.

É no final que a mostra ganha contorno mais pop — há discos experimentais de Zé Ramalho (que podem ser ouvidos pelo público) e partituras inventadas (com ninhos de passarinhos em fios elétricos) por Paulo Bruscky. O artista Jomard Muniz de Brito encerra a exposição com a série "O país da saudade — até quando?", trabalho dos anos 1980, crítico à nostalgia do passado.

— Não é à toa que encerramos com esse trabalho. Queremos que a exposição faça perguntas. O que encerra essa mostra é, na verdade, uma abertura — afirma Clarissa.●

SIMONE MARINHO



OLHAR TAMBÉM PARA O NORTE

MUSEU INVESTE EM NOVA COLEÇÃO, COM OBRAS SOBRE A AMAZÔNIA

Para o curador Paulo Herkenhoff, o MAR é não só um "museu do Rio, mas um museu do mundo". Para que a afirmação não seja apenas exercício de retórica, ele aponta para o calendário da instituição, que cobre uma das paredes de seu escritório: estão programadas desde uma mostra do Grupo Empreza, coletivo performático de Goiás (em maio de 2014), com curadoria de

Conexão.

A curadora Clarissa Diniz e a tela "Eu vi o mundo... ele começava no Recife", de Cícero Dias

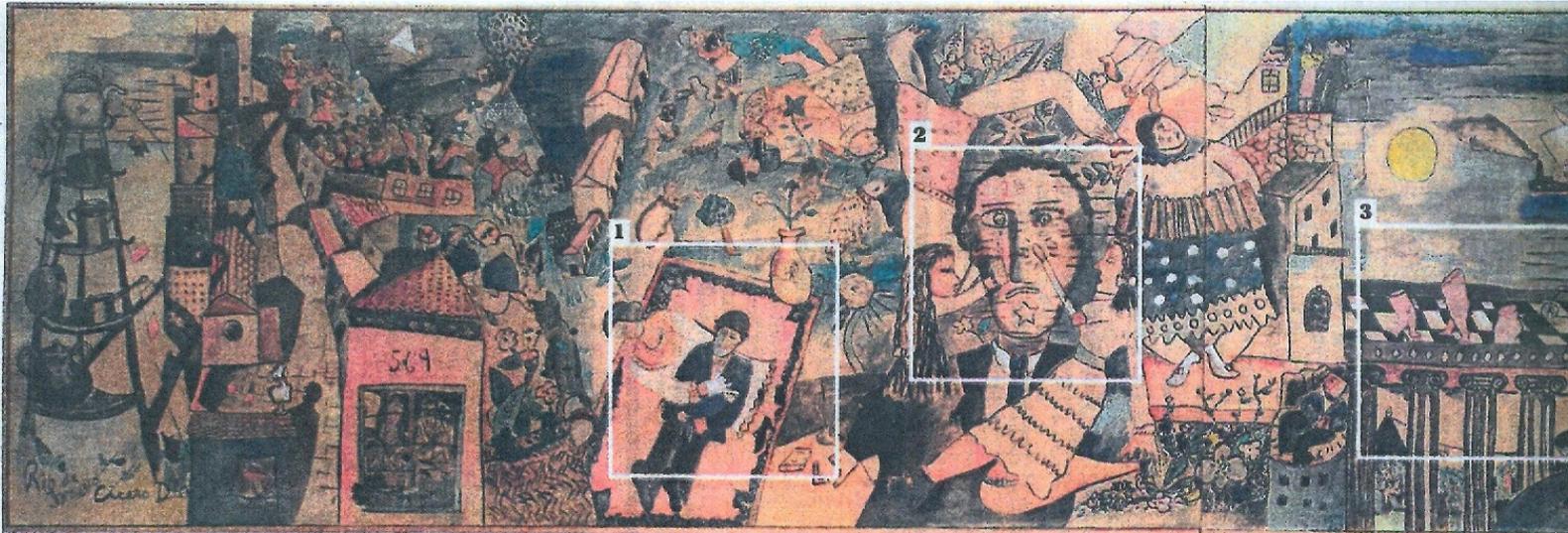


Cecília Cotrim, até uma exposição individual do jovem pernambucano Jonathas de Andrade (em setembro do ano que vem) e ainda a formação de uma coleção, batizada de Pororoca, que terá obras de arte da Amazônia.

Esse acervo, até agora com cem trabalhos recebidos de sete doadores, conta com cem obras que tratam, sobretudo, da questão da

violência na Amazônia, um dos focos do interesse de Herkenhoff na região — tema, aliás, que move a produção da artista Berna Reale, paraense "revelada" pelo curador do museu. A previsão é de que a coleção Pororoca seja exibida ao público em setembro, durante a quarta edição da ArtRio.

— O museu se pensa como um lugar que traz o Brasil para o Rio — enfatiza o curador.



“Eu vi o mundo... ele começava no Recife”. Com 12 metros de comprimento por dois de altura, o painel foi concluído em 1929, depois de três anos de trabalho do artista Cícero Dias (abaixo), que criou ac

PERFIL

Obra-prima de Cícero Dias que causou escândalo nos anos 1930 ressurgiu cercada de histórias em mostra no MAR

UMA JANELA PARA O MUNDO

AUDREY FURLANETO
audrey.furlaneto@oglobo.com.br

Quando se exibiu para o público pela primeira vez, em 1931, ela causou escândalo: com mulheres nuas, era ousada demais para aquele tempo, e mandaram cortar-lhe uma parte. Ficou três metros menor, mas, longilínea, ainda lhe restaram 12 metros de comprimento por dois de altura. Depois do furor de sua estreia, repousou no escuro por décadas e só saiu do Museu Nacional de Belas Artes nos anos 1960, para fazer sua primeira viagem — rumo a São Paulo, onde foi a estrela da 8ª Bienal, em 1965. “Eu vi o mundo... ele começava no Recife” levou três anos para nascer — numa casa no número 8 da rua Aprazível, em Santa Teresa, onde o artista Cícero Dias (1907-2003) viveu e trabalhou desde sua chegada ao Rio. De 1926 a 1929, o pernambucano se debruçou sobre a pintura que, mais tarde, seria aclamada como a obra-prima de sua trajetória e uma das mais importantes da história da arte do país. Assim, a tela veio ao mundo como guache e aquarela sobre papel de embrulho de cor ocre. Mais tarde, nos anos 1990, como uma senhora que precisa de cuidados, foi colada sobre uma tela. Dessa forma, poderia resistir melhor à passagem do tempo. De volta aos olhos do público no Rio até 30 de março, a tela ocupa uma parede inteira do Museu de Arte do Rio (MAR)

— é a estrela da mostra “Pernambuco experimental”. Lá, passa o dia escoltada por dois seguranças (um de cada lado) e protegida por uma estrutura de vidro que mantém quem a vê a um metro de distância. Para chegar até o museu na Zona Portuária, viajou de caminhão de uma fazenda no interior do Rio, onde “vive” há 20 anos com o colecionador Luis Antonio de Almeida Braga.

A vida de “Eu vi o mundo...” é composta tanto pelas histórias que a própria pintura “conta” — em seus personagens ora em canaviais, ora voando no céu (*leia mais nos detalhes ao lado*) — quanto por sua própria circulação desde a estreia, no chamado Salão Revolucionário, em 1931, no Museu Nacional de Belas Artes (então Escola Nacional de Belas Artes), até sua venda no final dos anos 1990, em Paris.

Quando surgiu, ela deixou Mário de Andrade boquiaberto. Em 28 de agosto de 1931, o escritor mandou uma carta a Tarsila do Amaral, exagerando até nas medidas da pintura, talvez sob o impacto do alvoroço que ela causara: “Aqui, grande bulha por causa do Salão em que o Lúcio Costa permitiu a entrada de todos os modernos, e o Cícero Dias apresenta um painel de quarenta e quatro metros de comprimento com uma porção de

imoralidades dentro. Os MESTRES estão furibundos, o escândalo vai grosso, ouvi contar que o edifício da Escola de Belas Artes rachou...” O choque foi tanto que vândalos invadiram a mostra e cortaram parte do lado esquerdo da pintura (no trecho das mulheres nuas).

Depois disso, “Eu vi o mundo...” ficou guardada naquele museu até ir à Bienal de São Paulo de 1965. É neste ponto que sua história fica um tanto obscura. Reza a lenda que seu autor teria retirado a tela da mostra, dizendo nunca tê-la doado ao Museu Nacional de Belas Artes, que, portanto, não tinha o direito de emprestá-la. Cícero, então, levou-a para o hotel onde estava hospedado, acionou a embaixada brasileira para organizar os documentos da extradição e, por fim, levou-a a Paris (onde o pernambucano viveu desde o final dos anos 1930 até sua morte, em 2003). Foi na França, que, depois de um restauro, “Eu vi o mundo...” foi colada sobre tela e, mais tarde, negociada.

— Isso faz uns 20 anos, mas não me lembro exatamente quando — diz o colecionador Luis Antonio de Almeida Braga, sobre a compra da pintura. — Quem me falou que eu talvez conseguisse comprar, fez muita força e organizou tudo para isso foi meu amigo e marchand Jean Boghici. Ele marcou

com o Cícero um jantar em Paris, e aí nos levou de surpresa. Foi memorável, me lembro sempre da alegria de todos nós nessa noite. Cícero era um grande amigo tanto meu, que o “herdei” de meus avós, quanto do Jean.

Em sua casa no interior do Rio, “Eu vi o mundo...” fica “protegida da luz e da umidade” e é “constantemente visitada por um conservador”. Para Clarissa Diniz, curadora da mostra no MAR e que, ao lado de Paulo Herkenhoff, já levou a tela a Recife (em 2012), ela é o “mito de criação do Nordeste”. Sob uma luz tropical, estão ali os engenhos de cana-de-açúcar (o próprio pintor cresceu num deles), a arquitetura da capital pernambucana, o artesanato regional, os mulatos e os brancos que permeavam textos de Gilberto Freyre.

Em sua autobiografia (“Eu vi o mundo”, lançada pela Cosac Naify em 2011), Cícero escreveu: “O que vivia dentro de mim era o sonho. Contradições que a natureza criava: o invisível e o visível”. É assim que o crítico Frederico Moraes vê também a obra-prima do artista:

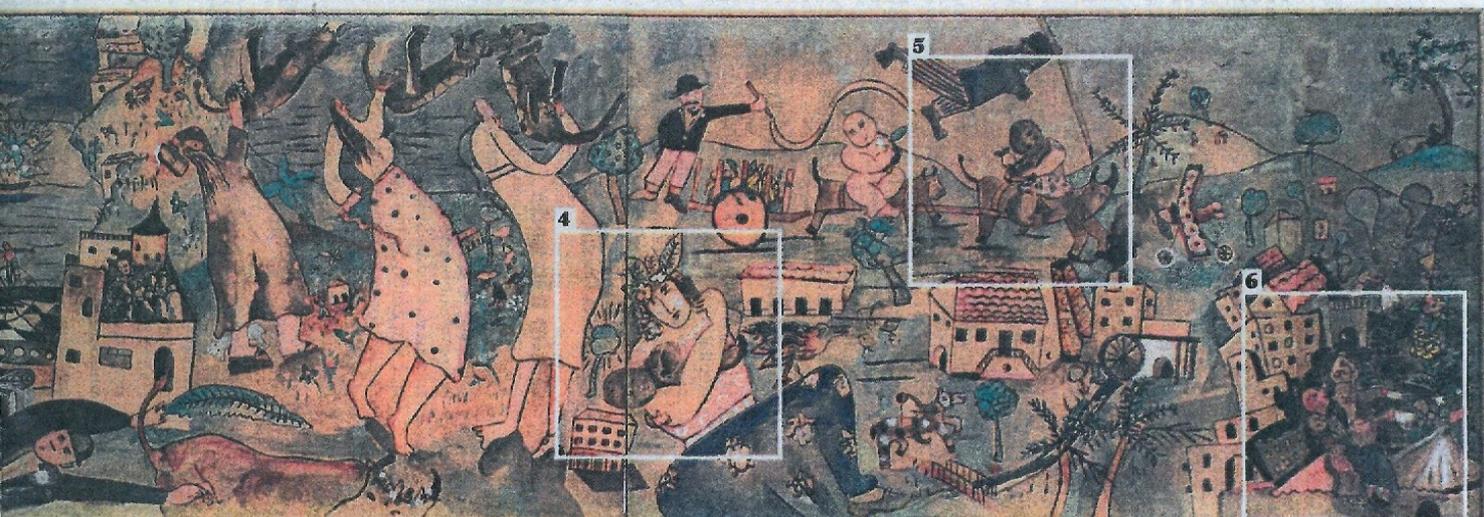
— O mundo que a tela dá a ver é onírico e nostálgico, um mundo de sonhos e memorialista ao mesmo tempo. É um mundo reinventado. ●



ANA BRANCO/1-4-3697

NA WEB
oglobo.com.br/cultura

Veja infográfico com detalhes da obra de Cícero Dias



FOTOS DE SIMONE MARRINHO

que seria sua obra-prima num ateliê na Rua Aprazível, em Santa Teresa, usando guache e aquarela sobre papel craft; para o crítico Frederico Morais, "o mundo que a tela dá a ver é onírico e nostálgico"



1 **"CHAGALL DOS TRÓPICOS"**
Figuras oníricas renderam a Cícero Dias a alcunha de "Chagall dos trópicos". Isso porque em ambos os pintores estão presentes a aura de sonho, os seres despregados do chão e, em "Eu vi o mundo...", os noivos, personagens frequentes na obra do russo.



2 **JOAQUIM NABUCO OU AUTORRETRATO?**
Segundo a curadora Clarissa Diniz, o maior rosto retratado na tela seria o do político abolicionista Joaquim Nabuco, a quem o pintor pernambucano homenageou. Mas há outros críticos que dizem se tratar do rosto do próprio artista.



3 **PÃO DE AÇÚCAR**
No cenário surrealista que Cícero pinta, o Rio, cidade para onde se mudou em 1920 e onde desenvolveu sua pintura, surge discreto, atrás da arquitetura colonial recifense, retratado por meio do Pão de Açúcar e de seu bondinho.



4 **MISCIGENAÇÃO**
Influenciado por Gilberto Freyre, o estudioso das senzalas e da estrutura social marcada pelos engenhos, Cícero aderiu ao movimento regionalista e olhou para questões caras a Freyre. Na tela, o pensamento da miscigenação surge na figura de uma mulher branca que amamenta uma criança negra.



5 **ARTESANATO REGIONAL**
Uma das marcas da pintura é a visão do regionalismo como um diálogo com um cenário universal e etéreo. Assim, como diz o crítico Frederico Morais, "os bois pintados por Cícero são muito mais os bois do artesanato popular do Nordeste do que os bois de verdade".



6 **A ENTRADA ESTÁ NO FIM**
Um dos mistérios de "Eu vi o mundo..." está no canto direito da tela: uma portinhola, como a dos ratos dos desenhos animados, aparece no final da pintura com a palavra "entrada" logo acima. É, para Morais, "como se estivéssemos erguendo a lona de um circo".

Pernambuco Experimental

Veja Rio 15/01/14

Maior mostra desde a inauguração do Museu de Arte do Rio, a coletiva reúne mais de 400 obras de cerca de oitenta artistas

por Carolina Barbosa | 15 de Janeiro de 2014

AVALIAÇÃO ○○○○



Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife (1926-1929): obra de Cícero Dias, o painel monumental tem 12 metros de largura e 2 metros de altura

Maior mostra desde a inauguração do Museu de Arte do Rio, a coletiva reúne mais de 400 obras de cerca de oitenta artistas, que traçam um panorama da arte experimental pernambucana entre os anos de 1900 e 1980. Trata-se, portanto, de uma riquíssima aula de história da arte da região, para a qual se recomenda uma visita sem pressa. Há pinturas, desenhos, fotografias, vídeos, músicas, registros de performances e documentos, incluindo nomes de peso como Vicente do Rego Monteiro, João Cabral de Melo Neto, Montez Magno e Cícero Dias. É desse último, aliás, o trabalho mais impactante da atração, o monumental painel *Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife*. Com 12 metros de largura e 2 metros de altura, a obra-prima do autor é repleta de detalhes e levou três anos para ser concluída, de 1926 a 1929.

Museu de Arte do Rio. Praça Mauá, s/nº, Zona Portuária, ☎ 3031-2741. ♿ Terça a domingo, 10h às 17h. R\$ 8,00. Grátis às terças. Meia-entrada para estudantes de escolas particulares e universitários. De quarta a domingo, grátis para alunos e professores da rede pública, crianças de até 5 anos e pessoas com mais de 60 anos. Até 30 de março.

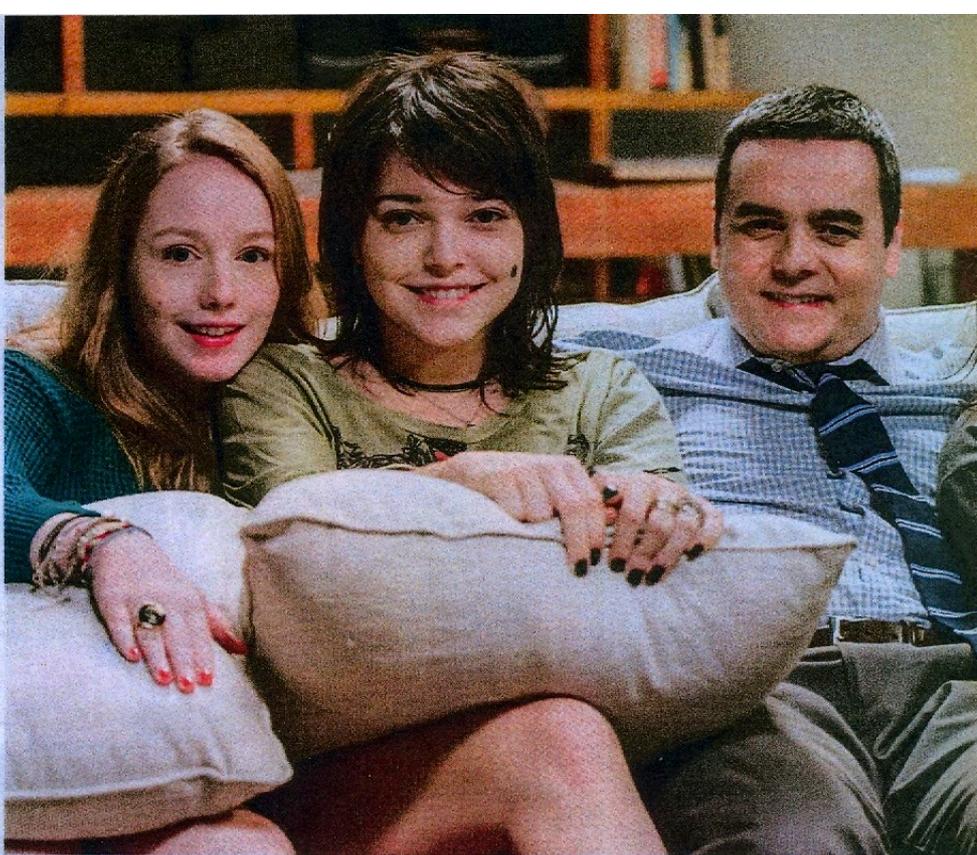
Exposições

Carolina Barbosa

> Pernambuco Experimental

AVALIAÇÃO ★★★★★

Maior mostra desde a inauguração do Museu de Arte do Rio, a coletiva reúne mais de 400 obras de cerca de oitenta artistas, que traçam um panorama da arte experimental pernambucana entre os anos de 1900 e 1980. Trata-se, portanto, de uma riquíssima aula de história da arte da região, para a qual se recomenda uma visita sem pressa. Há pinturas, desenhos, fotografias, vídeos, músicas, registros de performances e documentos, incluindo nomes de peso como Vicente do Rego Monteiro, João Cabral de Melo Neto, Montez Magno e Cícero Dias. É desse último, aliás, o trabalho mais impactante da atração, o monumental painel *Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife*. Com 12 metros de largura e 2 metros de altura, a obra-prima do autor é repleta de detalhes e levou três anos para ser concluída, de 1926 a 1929. *Museu de Arte do Rio, Praça Mauá, s/nº, Zona Portuária, ☎ 3031-2741. & Terça a domingo, 10h às 17h. R\$ 8,00. Grátis às terças. Meia-entrada para estudantes de escolas particulares e universitários. De quarta a domingo, grátis para alunos e professores da rede pública, crianças de até 5 anos e pessoas com mais de 60 anos. Até 30 de março.*



Malu Rodrigues, Bella Camero, Cassio Gabus Mendes, Clara Tiezzi e Sophia Abrahão: enredo

Cinema

Miguel Barbieri Jr.

> Confissões de Adolescente

AVALIAÇÃO ★★★

Fenômeno do teatro jovem nos anos 90, a peça da atriz Maria Mariana virou série de TV na mesma década, e agora é transformada em um longa-metragem que atinge seu público-alvo com uma linguagem cativante. Embora haja uns tropeços no início, sobretudo por causa de diálogos vulgares, a comédia

dramática ganha prumo quando os romances entram em cena. Trata-se aqui das desventuras e paixões de irmãs que, a pedido do pai (Cassio Gabus Mendes), serão obrigadas a mudar de apartamento para enxugar as despesas. Tina (Sophia Abrahão), a primogênita, é a única a ter uma vida independente e um namorado cuca-fresca (Hugo Bonemer). Enquanto Bianca (Bella Camero) sempre fala às escondidas com seu pretendente, Alice (Malu Rodrigues) quer perder a virgindade. Já a caçula Karina (Clara Tiezzi) anda à procura do primeiro beijo. Na linha dos primórdios da



Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife (1926-1929): obra de Cícero Dias, o painel monumental tem 12 metros de largura e 2 metros de altura



DIVULGAÇÃO

com graça e romantismo

novelinha *Malhação*, o enredo trata de temas como sexo, gravidez e homossexualidade. Pode parecer, à primeira vista, um resumo de estereótipos da adolescência. Mas, encaminhada com romantismo e graça, a trama reflete um período de incertezas em situações críveis. Direção: Daniel Filho e Cris D'Amato (Brasil, 2014, 96min). 12 anos. Estreou em 10/1/2014. *Confira o circuito na pág. 68.*

As pioneiras: as quatro atrizes do seriado original, Maria Mariana, Daniele Valente, Deborah Secco e Georgiana Góes, fazem pequenas participações

Teatro

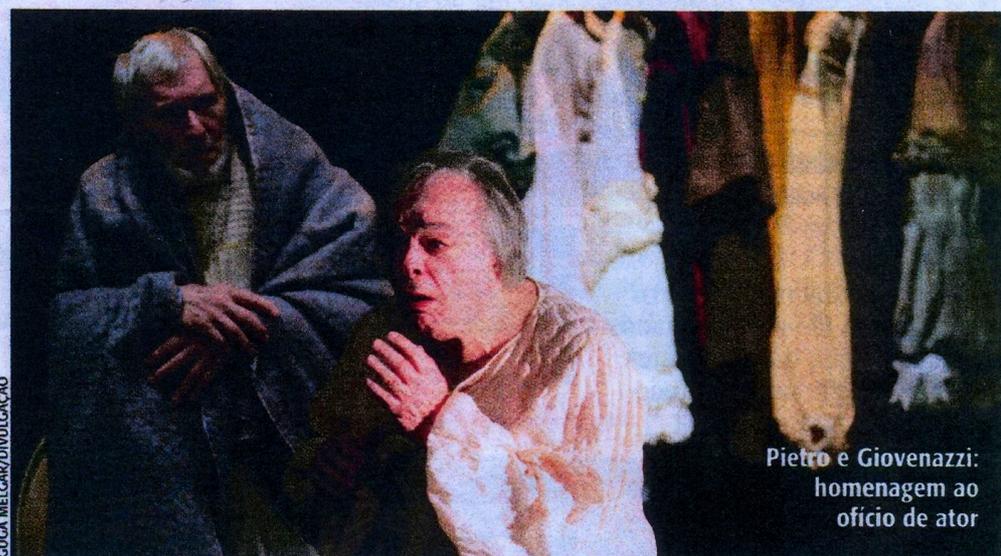
Rafael Teixeira

> O Canto do Cisne

AVALIAÇÃO ★★★

Tomando por base um conto da própria lavra, o russo Anton Tchekov (1860-1904) escreveu, em 1887, um drama curto, impregnado de tinta metalinguística sobre o próprio teatro. Na tocante à montagem, dirigida por José Henrique, Ednei Giovenazzi vive o protagonista Vassfli Vassflitch Svetlovíd, ator de larga experiência, como seu intérprete. Esquecido em um camarim onde adormeceu embriagado, ele acorda sozinho e começa a passar em revista

seus mais de cinquenta anos de carreira. A melancolia inicial dá lugar à alegria quando surge Nikita Iványtch (Pietro Mário), o ponto, profissional encarregado de soprar as falas ao elenco quando a memória dos atores falha. Tendo-o como público e assistente, Svetlovíd revive clássicos como *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare, e *Mozart e Salieri*, de Pushkin. Com atuação vigorosa, Giovenazzi entrega uma bela homenagem ao próprio ofício (45min). 14 anos. Estreou em 3/1/2014. *Espaço Sesc — Sala Multiuso (80 lugares). Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana, ☎ 2548-1088. Sexta e sábado, 20h; domingo, 18h. R\$ 20,00. Bilheteria: a partir das 15h (sex. a dom.). Até dia 26.*



GUILA MELGAR/DIVULGAÇÃO

Pietro e Giovenazzi: homenagem ao ofício de ator



Museu de Arte do Rio inaugura exposição Pernambuco Experimental

Publicação: 10/12/2013 17:33 Atualização: 10/12/2013 18:44



Gilberto Freyre e/and Lula Cardoso Ayres, s.d. Fotografia Coleção Fundação Gilberto Freyre

Na noite desta terça-feira (10), o Museu de Arte do Rio (MAR), no Rio de Janeiro, inaugura a exposição "Pernambuco Experimental". A mostra terá obras produzidas no estado de 1900 a 1980. Entre elas, a obra "Eu vi o mundo... ele começava no Recife", de Cícero Dias. Ao todo, serão expostas 459 peças.

Pernambuco Experimental traça um panorama da produção da arte experimental no estado entre as décadas de 1900 e 1980, quando Pernambuco foi palco de investigações artísticas que romperam fronteiras de linguagens e regionalismos. Com curadoria de Clarissa Diniz e Paulo Herkenhoff, a exposição ocupará 600 m² do MAR com cerca de 450 obras - entre pinturas, desenhos, fotografias, vídeos, músicas, performances e documentos desse período. Na programação estão previstos ainda uma mostra de filmes, um ciclo de debates e o lançamento de um livro.



Daniel Santiago O Brasil É Meu Abismo, 1982 Fotografia (registro de performance) e cartaz . Texto de Jomard Muniz de Britto

do Rego Monteiro, Cícero Dias, Joaquim Cardozo, João Cabral de Melo Neto, Aloísio Magalhães, Gastão de Holanda, O Gráfico Amador, Hermilo Borba Filho, José Cláudio, Jomard Muniz de Brito, Paulo Bruscky, Daniel Santiago, Montez Magno, grupo Vivencial Diversiones, grupo Ave Sangria e Lula Cortes, entre tantos outros, é possível vislumbrar um riqueza experimental que, sobretudo nas décadas de 50, 60 e 70, encontra um momento de profícua radicalidade.

A exposição integra uma tríade de mostras sobre importância da produção artística no estado, que teve início com Pernambuco Moderno (Instituto Cultural Bandepe, Recife, 2006), se desenvolveu em Zona Tórrida (Santander Cultural, Recife, 2012), e se complementa com Pernambuco Experimental. Com essa montagem, o MAR pretende apresentar essa significativa experimentação ao público brasileiro e internacional a partir de um rico apanhado do que foi esse período histórico para a arte pernambucana.

Desde o princípio do século XX, em resposta ao processo de industrialização e internacionalização o qual atravessava a economia local, artistas passaram a produzir conectados com os desafios e debates da cena internacional da arte. Poetas, pintores, fotógrafos, cartunistas, arquitetos, dramaturgos, editores e designers foram alguns dos responsáveis por essa efervescência cultural que ficou evidente em revistas, congressos, textos e obras. Com a atuação de nomes como Vicente

Pernambuco Experimental coloca em evidência a inseparável conexão entre a história e o contemporâneo, cujas implicações precisam ser constantemente pensadas e relidas. Para reforçar o conteúdo da mostra, um livro homônimo será lançado por meio de projeto apresentado ao Funcultura, com o apoio do Governo de Pernambuco. Fartamente ilustrado e com ensaios inéditos dos curadores da exposição, críticos convidados e artistas pernambucanos, o livro se constitui como um documento fundamental sobre a história da arte do estado. Com projeto gráfico de Raul Luna, a obra bilingue (português e inglês) será também uma vitrine do caráter experimental das artes gráficas do estado, que se estende à contemporaneidade por meio de um design arrojado e de notável consciência espacial.

Artistas em exposição

Abelardo da Hora | Alexandre Bérzin | Aloisio Magalhães | Arnaldo Tobias | Ave Sangria | Benício Dias | Acácio Gil Borsoi | Cícero Dias | Daniel Santiago | Debora do Rego Monteiro | Emílio Cardoso Ayres | Equipe Bruscky & Santiago | Flaviola | Francisco Du Bocage | Gilberto Freyre | Ionardo Cavalcanti | João Cabral de Melo Neto | Joaquim Cardozo | Joaquim do Rego Monteiro | Jomard Muniz de Britto | José Cláudio | Josué de Castro | Kátia Mesel | Ladjane Bandeira | Lailson | Leonhard Frank Duch | Luiz Nunes | Lula Cardoso Ayres | Lula Côrtes | Manuel Bandeira | Marconi Notaro | Montez Magno | Nelson Ferreira | Nuvem 33 | O Gráfico Amador | Paulo Freire | Paulo Bruscky | Phetus | Pierre Verger | Raul Córdula | Roberto Burle Marx | Silvio Hansen | Tiago Amorim | Unhandeijara Lisboa | Vicente do Rego Monteiro | Vivencial Diversiones | Wilson Carneiro da Cunha | Ypiranga Filho

Com informações do blog [João Alberto](#) e do [Museu de Arte do Rio](#)



Montez Magno Série Cidades Imaginárias, 1972 Fotografia

MAR >

Exposição no Rio reúne 450 obras de artistas de Pernambuco

Mostra traça panorama da arte experimental pernambucana entre as décadas de 1920 e 1980

Publicação: 10/12/2013 10:45 Atualização: 10/12/2013 12:19



Performance de Daniel Santiago, cartama de Aloisio Magalhães e pintura de Cícero Dias

Começa nesta terça, no Rio de Janeiro, a exposição Pernambuco experimental, com cerca de 450 obras de artistas pernambucanos produzidas entre as décadas de 1920 e 1980 distribuídas em uma área expositiva de 600 metros quadrados no Museu de Arte do Rio (MAR).

A curadoria é de Clarissa Diniz e Paulo Herkenhoff, que reuniram trabalhos de pintores, escultores, músicos, designers, arquitetos e fotógrafos. Performances, mostra de filmes, lançamento de livro e debates também estão entre as atividades do projeto.

ARTISTAS PARTICIPANTES:

Abelardo da Hora | Alexandre Bérzin | Aloisio Magalhães | Arnaldo Tobias | Ave Sangria | Benício Dias | Acácio Gil Borsoi | Cícero Dias | Daniel Santiago | Debora do Rego Monteiro | Emilio Cardoso Ayres | Equipe Bruscky & Santiago | Flaviola | Francisco Du Bocage | Gilberto Freyre | Ionaldo Cavalcanti | João Cabral de Melo Neto | Joaquim Cardozo | Joaquim do Rego Monteiro | Jomard Muniz de Britto | José Cláudio | Josué de Castro | Kátia Mesel | Ladjane Bandeira | Lailson | Leonhard Frank Duch | Luiz Nunes | Lula Cardoso Ayres | Lula Côrtes | Manuel Bandeira | Marconi Notaro | Montez Magno | Nelson Ferreira | Nuvem 33 | O Gráfico Amador | Paulo Freire | Paulo Bruscky | Phetus | Pierre Verger | Raul Córdula | Roberto Burle Marx | Silvio Hansen | Tiago Amorim | Unhandeijara Lisboa | Vicente do Rego Monteiro | Vivencial Diversiones | Wilson Carneiro da Cunha | Ypiranga Filho